



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2016 - ANO XXXV, NÚMERO 5

ELAS QUEREM TATUAR

Relatos de mulheres que lutam para conquistar espaço e direitos em um universo tradicionalmente masculino

Páginas 8 e 9

Cães-guias

Treinamento dos animais pode custar até R\$ 50 mil durante os dois anos de preparação Pág 4 e 5

Legado

Confira um resgate à cultura do samba, que completa 100 anos, na Ilha da Magia Pág 6 e 7

Paralímpicos

Histórias de paratletas brasileiros e projetos de incentivo aos paradesportos Pág 12 e 13

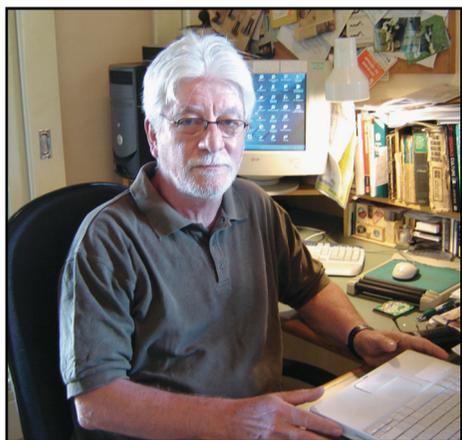
Na primeira edição do ZERO deste semestre, a turma propôs pautas, em sua maioria, relacionadas a dois temas: política e esporte. Em ano de eleições, uma entrevista com cada candidato à Prefeitura de Florianópolis não poderia deixar de ser feita. Aproveitando esse gancho, foi produzida uma matéria sobre o polêmico projeto de lei “Escola Sem Partido”, que deve ser apresentado aos leitores para fomentar as discussões e ajudá-los a formar suas opiniões.

O Brasil foi sede das Paralimpíadas, mas a cobertura jornalística do evento foi inferior comparada à das Olimpíadas. Por isso, contaremos histórias de superação, juntamente a dados sobre o investimentos do governo, e a falta deles, em projetos direcionados a paratletas brasileiros. A ausência de incentivos também foi citada por atletas de MMA do estado, em uma reportagem que ouviu lutadores que enfrentam muitas dificuldades para continuar suas práticas.

Para matéria de capa, fomos até a Expo Tattoo Floripa falar com as tatuadoras sobre suas experiências pessoais relacionadas ao sexismo e sua luta para ocupar espaços e conquistar credibilidade. Contamos também a história de Ingrid Medina, estudante de serviço social da UFSC, que perdeu a visão aos 16 anos e caminha pelos lugares com a ajuda de King, seu cão-guia.

A inédita exposição no país, “Gaudí, Barcelona 1900”, que ficará exposta até o final de outubro no Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), foi escolhida como pauta fotográfica pela importância das obras do artista catalão. Realizamos também uma homenagem ao centenário do samba, entrevistando os responsáveis por impulsionar esse gênero na ilha e visitando bares que preservam a cultura do “samba de raiz”. Também trazemos uma matéria sobre a evolução do mercado de animação em Santa Catarina, seguindo a tendência nacional. **Boa leitura!**

OMBUDSMANN



Carlos Castilho

Carlos Albano Volkmer de Castilho é integrante da direção do Observatório da Imprensa e professor de Jornalismo Online. Possui mestrado e doutorado no Departamento de Engenharia e Gestão do Conhecimento na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pós doutorando no Programa de Pós Graduação em Jornalismo (POSJOR), também na UFSC.

A edição de julho de 2016, do Zero, tem como ponto forte a reportagem sobre os engenhos de cangalha na ilha de Santa Catarina. Um trabalho muito bem desenvolvido pelos dois repórteres que conseguiram aliar uma narrativa humanizada, contextualização histórica e econômica, bem como uma estrutura jornalística típica de um projeto executado por profissio-

nais experientes. O material fotográfico também é de alta qualidade e teria conseguido um impacto máximo caso fosse possível um tratamento multimídia. Os autores conseguiram evitar o tom saudosista no desenvolvimento da história, o que permite situar a sobrevivência dos engenhos como uma herança cultural a ser preservada dentro de uma preocupação com a forma pela qual o passado influencia o presente.

As demais reportagens da edição de julho são muito boas no plano formal, ou seja, no texto claro e objetivo, mas pecam pelo uso excessivo da técnica do “ele disse, ela disse”. Como o Zero é um jornal laboratório isto não configura o defeito censurável mas algo a ser corrigido. O uso de citações de entrevistas ou documentos, salvo em casos específicos, não deve ser mais importante do que a humanização da narrativa. O “ele disse, ela disse”, torna o texto uma colagem de opiniões onde o leitor tem, muitas vezes, dificuldade de situá-las no ritmo da história que está sendo contada. Nunca se esqueçam que um jornalista é basicamente um “contador de histórias”.

A reportagem sobre a suspensão dos atendimentos no Centro de Controle de Zoonoses por falta de veterinários mereceria um tratamento mais investigativo para que o fato pudesse realmente contribuir para uma busca de soluções para o problema. A ma-

téria ficou no plano da constatação, seguindo um modelo muito em uso na imprensa comercial. É importante registrar fatos como este mas a função do jornalismo é ir além, por meio da participação na busca de uma solução para o problema em foco.

Nos textos sobre imigrantes haitianos, tocha olímpica e festas universitárias a narrativa poderia ter gerado um maior envolvimento do leitor caso os autores tivessem explorado mais histórias de personagens e protagonistas. Sempre que humanizamos uma reportagem, aumenta a identificação dos leitores com o tema. Esta é uma regra cada vez mais importante num ambiente jornalístico marcado pela avalanche e pela complexidade informativa. Finalmente na reportagem sobre astrologia, senti falta de uma análise mais aprofundada sobre as seções de prognósticos baseados no posicionamento de planetas. A atividade é coisa séria como o texto mostra, mas o tratamento do tema nos jornais e revistas está longe de merecer a mesma seriedade.

Esta é a minha última coluna como ombudsman do ZERO. Foi uma experiência muito gratificante e na qual eu aprendi muito. Desejo todo o sucesso possível para os alunos do projeto e podem contar comigo para o que necessitarem. Um abraço a tod@s.

CRÔNICA

Solitários

POR FERNANDA STRUECKER

Eram duas casas de arquitetura açoriana. Uma delas abrigava um albergue da prefeitura e, a outra, estava há anos para alugar. Afinal, quem gostaria de morar bem ao lado de um albergue? Pintadas em cores fortes, destacavam-se no centro da capital, lado a lado, sufocadas por um mar de prédios de tons frios. Amarelo e rosa contrastavam com o branco dos arabescos de cimento que decoravam as janelas e paredes. Entre elas havia uma grade, cerca de 1 metro de comprimento, um ferro pesado pintado de cinza. Eram seis da manhã, um horário de pouco movimento, quando saiu do pátio da casa amarela e abandonada um morador de rua destruído. Aqui não se fala de algo físico, fala-se de um olhar. Como alguém poderia estar com um olhar tão cansado após uma noite de sono? Vestindo uma bermuda verde escuro, surrada, daquelas que alguém doa porque seria uma vergonha ser visto com aquele trapo. A camisa não

era diferente, furada, de tecido barato. Além disso, apenas um chinelo usado, sujo. Nada mais. Surpreende saber que isso aconteceu no meio de um inverno rigoroso na cidade – principalmente naquela hora da manhã, com o termômetro perto dos 7 graus. O indigente carregava consigo apenas uma sacola de mercado com alguns pertences – o que será que havia ali? Mas espera, antes disso, como ele havia entrado ali? Como se fosse nada, avançou contra as grades de ferro. Apertou bem o corpo e começou: primeiro o braço, fino, com fome. Agora uma perna, que passou com um pouco de dificuldade. Complicado mesmo foi passar o tronco, mas não é que havia alguma vantagem em não comer direito há dias? Conseguiu passar. Saiu daquela que por uma noite foi seu lar. Sozinhos, abandonados, sobreviventes que ninguém se interessava. Aos poucos, o morador e a casa se separavam e ficavam sozinhos mais uma vez.

PARTICIPE!

Mande críticas, sugestões e comentários:
✉ zeroufsc@gmail.com
☎ (48) 3721-4833
f /jornalzero
t @zeroufsc
Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994



Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000



Melhor Jornal-Laboratório
EXPOCOM SUL 2015



Melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 2015



Melhor Peça Gráfica
Set Universitário / PUC-RS
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

EQUIPE

Ana Carolina Inácio, Ana Carolina Prieto, Anna Paula da Silva, Camila Valgas, Carlos Henrique Costa, Daniela da Silva, Eduardo Garcia Alves, Fabio Tarnapolsky, Fernanda Mueller, Fernando Lisboa, Francielle Cecília, Giulia Gaia, Gustavo Falluh, Kamylla Silva, Mateus Mognon, Monique Souza, Neri Neto, Omar Niekiforuk, Pedro Cureau, Renato Botteon, Rodrigo Rocha, Ronaldo Fontana, Sarah Soares e Tamy Dassoler

EDIÇÃO

Débora Nazário, Fernanda Struecker, Heloisa Baumgratz e Luiza Giombelli

CAPA

Kamylla Silva

PROFESSORES RESPONSÁVEIS

Janara Nicoletti
SC 02957 JP
Frederico S. M. de Carvalho
SC 01787 JP

MONITORIA

Gisele Flores e Michel Gomes

IMPRESSÃO

Gráfica Graf Norte

TIRAGEM

1,5 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO

Nacional

FECHAMENTO

28 de setembro

Página conta histórias da universidade

Humans of UFSC dá voz a relatos que despertam empatia na comunidade universitária

A estudante Thais Becker cursava a sexta fase de direito quando, no fim do ano passado, sofreu um acidente de carro que a deixou tetraplégica. No início de sua recuperação, ela precisou escolher entre se afastar ou retomar os estudos. Ao decidir continuar na universidade, fez questão de expor sua história na Humans of UFSC, página que hoje tem pouco mais de 11 mil curtidas no Facebook - o que corresponde a 20% da comunidade universitária do campus Trindade. O perfil conta histórias como esta, dando visibilidade a personagens que frequentam a UFSC diariamente.

A Humans of UFSC surgiu de uma demanda da própria comunidade universitária. O criador da página, Alessandro Vieira dos Reis, conta que depois de postar a foto de um calouro pedindo esmola usando a hashtag Humans of UFSC, começou a receber mensagens sugerindo que esta ideia continuasse. "Mas eu queria uma página séria, porque não tinha na universidade, é tudo piada. Queria algo oposto disso, que não tem piada, ataque político e conflito no sentido partidário e ideológico". Alessandro passou a receber mensagens de pessoas de diferentes lugares do país, "para minha surpresa, toda semana tinham mil novas curtidas".

Desde o início, Alessandro preferia manter o anonimato para causar a sensação de que a equipe da página poderia abordar as pessoas a qualquer momento. O mistério, de certa forma, serviu também para disfarçar a simplicidade do projeto. Com o próprio celular, ele gravava os áudios das histórias e tirava as fotos dos personagens. A equipe só aumentou quando a fotógrafa Michelle Witte se voluntariou para fazer as fotos das publicações. "Um amigo meu no Facebook deu entrevista para a página e marcaram ele no post. Eu comecei a acompanhar naquele momento, curti, mas eu nem sabia quem era o dono até conhecer o Alessandro em uma festa."

Para Michelle, o trabalho na Humans of UFSC tem influenciado inclusive no rumo de sua carreira. Acostumada com a cobertura de eventos, ela conta que a forma como retrata as pessoas na página é um trabalho completamente diferente do que ela já tinha feito. "Fotografar uma pessoa, na rotina dela, sem maquiagem, com uma expressão e uma emoção, é muito gratificante para um fotógrafo. Isso é a vida real, não um ensaio. A pessoa não está forjando uma emoção, está falando sobre algo que realmente aconteceu na vida dela. Me faz muito bem".

Para os administradores, sempre foi importante representar o máximo de pessoas e perfis possíveis dentro



Alessandro dos Reis é fundador da página e deixou o projeto depois de um ano de diversas histórias

da universidade. Alessandro conta que sempre revisava os últimos posts antes de escolher os próximos personagens. Este, inclusive, era o único critério utilizado para escolher as histórias que seriam retratadas. Depois de identificar perfis e histórias que faltavam, os dois se encontravam em alguns lugares estratégicos do campus da UFSC e abordavam as pessoas aleatoriamente. "Com sorte, uma em cada três pessoas topava."

"NÓS TEMOS A INTENÇÃO DE MOSTRAR O LADO HUMANO DE QUEM ESTUDA, TRABALHA E FREQUENTA A UFSC"

Em julho deste ano, quase um ano depois de dar início ao projeto, Alessandro precisou deixar a administração da página. Para o seu lugar, escolheu Gabriela Virtuoso, estudante de Jornalismo na UFSC que já conhecia e se interessava pela ideia. "Eu já conhecia não só a Humans of UFSC, mas também a New York. Eu morava em Porto Alegre, lá existe uma página assim da cidade também. Eu achava maravilhoso aquele trabalho, e sempre pensei que gostaria muito de fazer parte de alguma forma".

Com as novas administradoras, a Humans of UFSC deve passar por algumas mudanças a partir de agora. Gabriela ressaltou a importância de adaptar o conteúdo da página para pessoas com deficiência. Além da legenda "para cego ver", as duas pensam em produzir material para pessoas com deficiência auditiva, principalmente depois de notar, por meio do retorno que recebem por mensagens, que este público vem aumentando. Michelle também falou sobre mudar

o foco das entrevistas. "Estamos mudando um pouco os ares. Vamos tentar falar com pessoas dos outros campi, com o povo da manhã, que quase nunca aparece na página. E ter mais professores, as pessoas gostam das histórias deles".

Mesmo afastado, Alessandro mantém contato e dá conselhos para as duas novas administradoras. Para ele, dentro de todas essas mudanças, é preciso tomar cuidado para que a página mantenha sua neutralidade. "Eu mostrei o coletivo feminista, as meninas que criaram uma organização para ajudar umas às outras quando existe um problema real e objetivo. Para fazer isso não tem que ter ideologia".

Além de um hobby e uma forma de superar preconceitos, Alessandro viu na página também uma prova de que a internet não afasta as pessoas, como acredita o senso comum. "Isso é uma grande mentira. Funciona, porque é local. Eu sempre destaco o cenário: a reitoria, o centro de eventos, a fila do RU. As pessoas veem e passam nesses lugares todos os dias, podiam ser elas as entrevistadas". Gabriela também considera gratificante conseguir o oposto do que tanto se fala da internet. "Às vezes ninguém acredita no que você está fazendo. Você vive em um mundo fechadinho, e de repente alguém aposta e confia em você para contar uma coisa tão pessoal e fazer viralizar".

A principal função da página é dar voz para quem não tem aqui no campus. "Nosso objetivo é mostrar o lado humano de quem estuda, trabalha e frequenta a UFSC. Milhares de pessoas passam aqui todo dia, tem gente que não tem nem R\$ 1,50 pra comer no RU. São essas histórias que fazem a página existir", ressaltou Michelle. ☺

Eduardo Garcia

edugalves94@gmail.com

Pedro Cureau

pedrohjcureau@gmail.com

Campanha de Thais teve apoio do projeto

Após o acidente automobilístico que sofreu, Thais e sua mãe Íris precisaram recorrer a alternativas para arrecadar recursos financeiros que bancassem sua reabilitação. A fim de pedir doações para custear o tratamento da estudante, a família criou a página "Recuperação da Thais" no Facebook. A partir daí, buscaram parcerias com outras páginas e perfis da UFSC em redes sociais que também promovessem a campanha. Administrador da Humans of UFSC na época, Alessandro fez vários posts divulgando e atualizando o estado de saúde de Thais. "O pessoal foi tão prestativo que, quando voltei para a universidade, tive a ideia da publicação e fui atrás deles como uma forma de agradecimento pelo apoio que recebi."

A estudante de direito conta que, através da entrevista que deu para a Humans of UFSC, queria despertar a atenção da comunidade universitária para a questão da acessibilidade. "Eu antes também não percebia, mas um simples degrau já impossibilita a passagem de alguém em uma cadeira de rodas."

Thais conta ainda que queria atentar para a importância da reabilitação social de uma pessoa com deficiência, que segundo ela é ainda mais importante do que o tratamento que busca apenas recuperar a condição física. "Mesmo em clínicas de reabilitação existe preconceito com pessoas que não se dedicam exclusivamente a melhorar a função motora."



A estudante teve sua reabilitação na UFSC

Cães-guias aumentam qualidade de vida

Centro de formação implantado no IFC e ONG Helen Keller tornam SC referência em treinamento dos animais

Fotos: Ana Carolina Prieto/Zero

Ingrid Medina pode caminhar com tranquilidade pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e desviar de obstáculos sem enxergá-los, por conta da parceria estabelecida há um ano com King. A estudante de Serviço Social é uma das 150 pessoas no Brasil que são acompanhadas de cão-guia, segundo estimativa feita pelos institutos treinadores, e a única na universidade. A dificuldade para conseguir um cão-guia ocorre, principalmente, devido ao preço: treinar um único animal pode custar até R\$ 50 mil durante os dois anos de preparação.

As pessoas que veem Ingrid e King não imaginam que a estudante conseguiu o acompanhante de forma gratuita. O Plano Nacional Viver sem Limites, elaborado pelo governo federal em 2011, tem como objetivo aumentar o número de cães-guias no Brasil, além de formar novos treinadores. Sete Institutos Federais foram selecionados para abrigar os centros de formação. O do Instituto Federal Catarinense (IFC) foi o primeiro a ser inaugurado e, além de disponibilizar cães-guias gratuitamente, oferece uma pós-graduação em instrução desses animais. Por ser um projeto piloto, a prioridade foi dada aos candidatos que morassem em Santa Catarina. Assim, Ingrid pôde se inscrever em 2014 e, no ano seguinte, começou os treinamentos com King.

Santa Catarina também conta com outra instituição importante na formação de cães-guias. A escola Helen Keller, em Balneário Camboriú, consegue treinar aproximadamente seis animais por ano. Para se manter, a ONG conta com doações de voluntários e parcerias com empresas. O instrutor Fabiano Pereira explica que o processo começa com os pais dos filhotes, que são selecionados a partir de uma pré-disposição para serem cães-guias. Os animais precisam ser dóceis e, por isso, as raças mais escolhidas são Coated Retrievers, Labradores e Golden Retrievers.

Após o nascimento dos filhotes, são feitos testes de aptidão e os escolhidos são encaminhados para a casa de voluntários, que cuidam dos animais até os 15 meses. Durante essa etapa, o cão-guia passeia por shoppings, parques, mercados e ônibus a fim de se familiarizar com os caminhos percorridos pelas pessoas diariamente. Em seguida, retorna para a instituição e passa de quatro a seis meses em treinamento. Pereira ressalta que os cães são preparados para evitar obstáculos, transitar na rua e saber localizar seus destinos até os dois anos de idade, quando serão entregues às pessoas cegas no processo chamado de adaptação.

Foi nessa etapa que Ingrid conheceu King. A estudante ficou um mês hospedada no IFC para passar pelos processos de reconhecimento do cão, além de an-



A estudante de Serviço Social da UFSC Ingrid Medina perdeu a visão aos 16 anos e, desde o ano passado, tem a companhia de King, seu cão-guia de 3 anos

dar pelas ruas da cidade acompanhada por ele. Ingrid relata que criaram uma relação de confiança e um vínculo afetivo já na primeira semana. Outra pessoa beneficiada pelo projeto do Instituto foi o noivo dela, Maurício Padilha, que é acompanhado de perto pelo labrador Ian.

gostam dele". Apesar da lei já ter mais de dez anos, Maurício e Ingrid relatam que ainda há lugares que tentam barrar a presença dos animais. O casal, por exemplo, já teve que discutir com taxistas para conseguir embarcar com os seus cães.

universidade. A coordenadoria ainda não possui um projeto específico para usuários de cães-guias, já que Ingrid, a primeira estudante da UFSC nesta situação, começou o curso no início deste ano.

A Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC) possui uma parceria com a universidade para ensinar os alunos novos a se locomoverem na UFSC. Para isso, realiza oficinas de orientação e mobilidade nos caminhos mais utilizados pelos estudantes. A ACIC tem 1015 associados, que contam com apoio psicológico, pedagógico e aulas de mobilidade. Maristela Bianchi, gerente técnica da associação, afirma que poucos membros são acompanhados por cão-guia e atribui parte disso ao envolvimento sentimental com os animais.

Um cão-guia só pode trabalhar por cerca de dez anos e, após este período, é aposentado, embora ainda possa continuar com os seus donos como animal de estimação. Anos de convívio, lealdade e amizade, tornam o momento de se afastar do cão um passo difícil para algumas pessoas. Maristela ressalta que os cuidados com um cão-guia podem ser desafiadores, assim como qualquer animal de estimação, e que nem todas as pessoas se sentem preparadas para isso.

No caso dos noivos, Ingrid e Maurício, o convívio com os cães-guias trouxe mudanças importantes em suas vidas. Para Ingrid, a auto-estima e a sociabilidade melhoraram. A estudante conta que, quando usava bengala, muita gente tinha receio de se aproximar e era difícil pedir ajudar para se localizar. Depois que começou a utilizar o cão-guia, Ingrid percebeu que as pessoas tendem a se aproximar para elogiar e falar sobre o

OS CÃES SÃO PREPARADOS PARA EVITAR OBSTÁCULOS, TRANSITAR NA RUA E LOCALIZAR SEUS DESTINOS ATÉ OS 2 ANOS

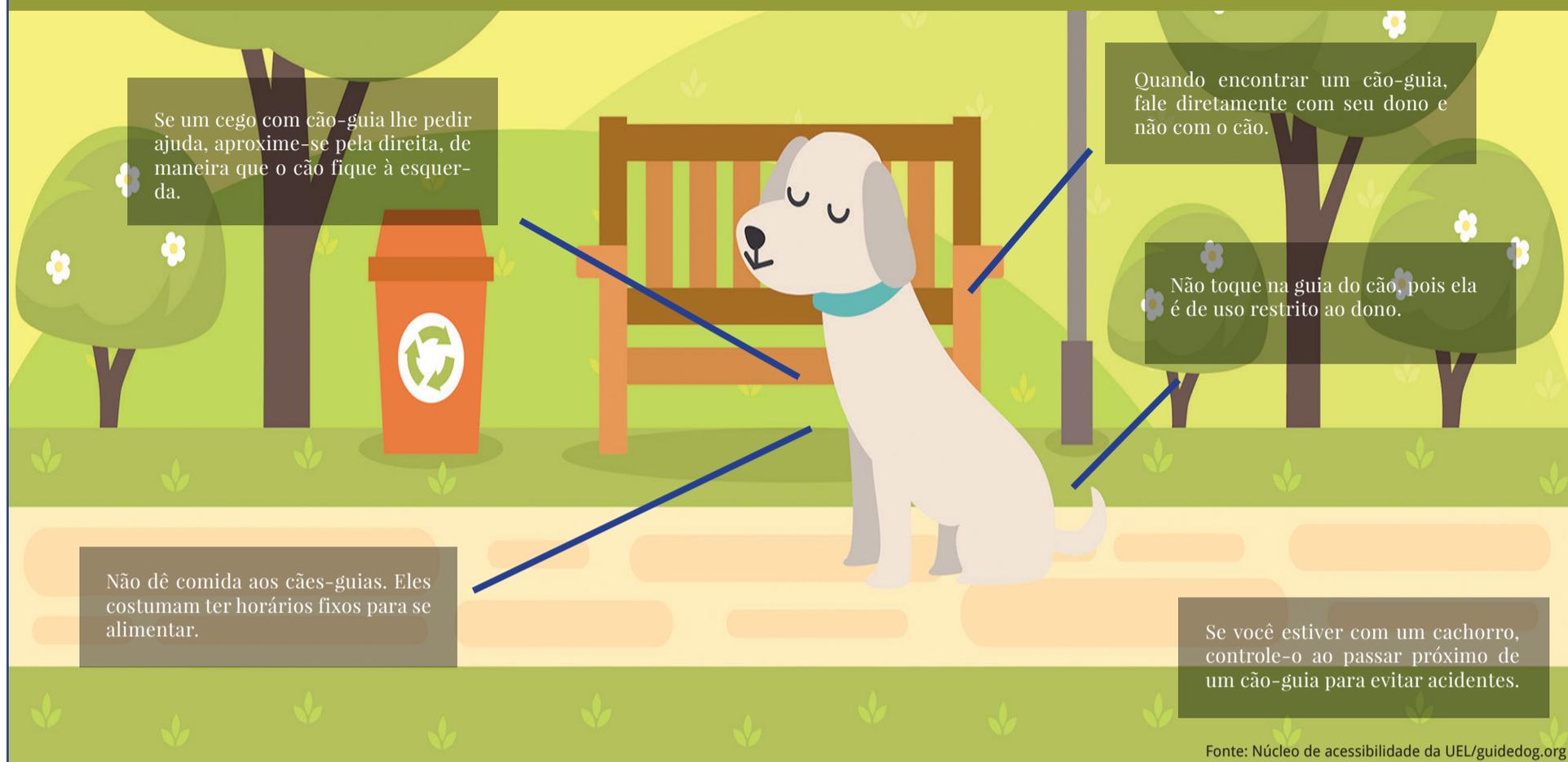
Maurício viveu momentos difíceis antes de conseguir o cão-guia. Após desistir da faculdade de psicologia para tentar carreira na área de computação, perdeu duas bolsas estudantis em universidades particulares por falta de acessibilidade. Somado a isso, ficou um ano e meio sem emprego enquanto tentava alugar um apartamento para morar com a noiva. Para Maurício, a chegada de Ian foi a melhor coisa que aconteceu em 2015. Hoje, ele trabalha em uma empresa de tecnologia da informação e a rotina do emprego contribui para estreitar seu relacionamento com o cão.

Por conta da Lei nº 11.126/2005, os cães-guias podem acompanhar e permanecer com seus donos em locais públicos. Assim, Ian pôde circular livremente pela empresa, além de ajudar os outros funcionários a aliviar a tensão do trabalho. "O Ian não é o mesmo cão de um ano atrás. Nossa relação melhorou muito e todos aqui

Pensando no preconceito e na falta de conhecimento das pessoas, a Coordenadoria de Acessibilidade Estudantil (CAE) da UFSC divulgou um vídeo, a pedido de Ingrid, com as principais informações e dicas de como se portar diante de um cão-guia. A empresa onde Maurício trabalha também adotou uma postura parecida ao divulgar instruções. "Muitas pessoas mexem com eles. Às vezes, temos que reprimir, porque eles não podem perder a concentração", relata Ingrid.

Bianca de Souza, coordenadora do CAE, explica que o setor possui medidas de inclusão para pessoas com deficiência visual, como é o caso do Ambiente de Acessibilidade Informacional (AAI). Localizado na Biblioteca Universitária, disponibiliza audiodescrição de eventos, textos em braille e *software* que fazem a leitura de materiais digitalizados. As pessoas com deficiência visual também podem solicitar o acompanhamento de um bolsista do CAE nos percursos dentro da

Como se portar diante de um cão guia



cachorro, o que se torna uma oportunidade de conseguir informações.

Já para Maurício, a principal melhoria foi a mobilidade. Como Ian está sempre do seu lado, até mesmo quando não está com o arremão de trabalho, sua autonomia para se locomover aumenta. Além disso, ele conta que seu carinho pelos animais cresceu. “Antigamente, eu não via, por exemplo, os cães de rua como eu vejo hoje. Agora, eu tenho uma necessidade de protegê-los muito mais do que antes.”

A expectativa é de que o Brasil aumente o número de cães-guias formados por ano. O projeto Viver sem Limites, por exemplo, já implantou dois centros de treinamento: um no IFC e outro no Ins-

tituto Federal do Espírito Santo (Campus Alegre). Segundo dados de junho do Portal Brasil, ainda estão previstas as instalações de cinco centros, localizados nos Institutos Federais de Sergipe, do Amazonas, do Ceará, do Sul de Minas e no Instituto Federal Goiano. A escola Helen Keller também está com projeto de expansão: depois de inaugurar a nova sede em julho deste ano, a previsão é de que, até 2021, a instituição consiga treinar 30 cães por ano. ☺

.....
Ana Carolina Prieto

a.carolinaprieto@gmail.com

Tamy Dassoler

tamydassoler@gmail.com

#PraCegoVer

Pessoas com deficiência visual navegam na internet por meio de *software* que transformam o que está escrito em áudio. No entanto, esta tecnologia não funciona para imagens, fazendo com que normalmente esse público específico não tenha acesso aos conteúdos de charges, fotos ou desenhos.

Para tentar resolver o problema, a professora Patrícia Silva de Jesus, conhecida como Patrícia Braille, criou a campanha #PraCegoVer. O projeto incentiva as pessoas a utilizarem a *hashtag* seguida de uma descrição da imagem, possibilitando que os *software* leiam o conteúdo.

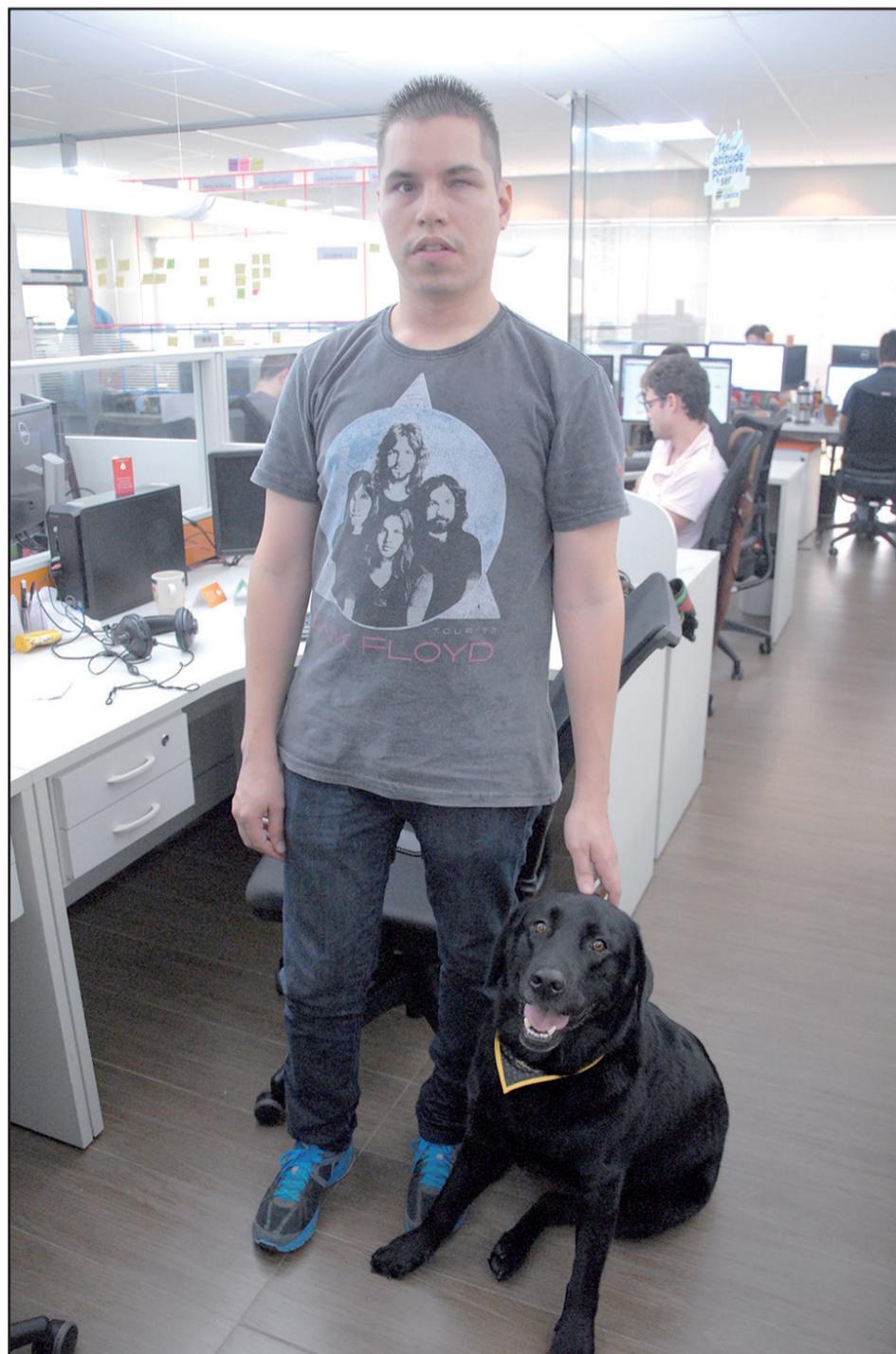
Patrícia conta que já utilizava a descrição no seu blog e nos livros em braille que produzia. Mas, quando começou a fazer isso no Facebook, percebeu que as pessoas não entendiam o propósito. Ela afirma que a motivação

para criar a *hashtag* foi “fazer com que ‘enxergassem’ a existência de pessoas com deficiência nas redes sociais”.

A campanha se espalhou e, atualmente, várias páginas no Facebook, como a do Ministério Público Federal, utilizam a descrição de imagem. Pensando nisso, o Zero resolveu aderir ao movimento. A partir desta edição, as fotos postadas no Facebook e no Instagram do jornal utilizarão a #PraCegoVer, com objetivo de aumentar a acessibilidade para os leitores.

Acessando o QR Code abaixo, você encontra esta matéria em versão digital com descrição de imagens, para possibilitar o uso de *software* leitores.

Leia o QR Code para conferir o conteúdo online da reportagem nas redes sociais do Zero



Enquanto Maurício trabalha, seu cachorro Ian descansa debaixo da mesa ou brinca com funcionários



Fernando Girardi (centro) sinaliza para Gabriel Fortunato (sopro) improvisar. Há pouco, Neco pediu palhinha com grupo. Toda quinta, Banda Choro Xadrez se apresenta no bar

Botequim retrata o perfil artístico na Ilha

Em homenagem ao centenário do samba, a face do músico expressa nos bares da cidade

Noite de samba e choro. Neco põe seu chapéu de palha. Do Bar Qualé Mané, na penumbra da praça Olívio Amorim, 150, pode-se ouvir a batida do pandeiro, o som da flauta melodiosa e da voz de Álvaro Guimarães que entoia Chico Buarque: *Meu caro amigo, me perdoe, por favor / se eu não lhe faço uma visita*. A música rapidamente começa a ferver e o público acompanha o canto. Nem poderia ser diferente: o lugar é novo reduto do gênero na Ilha e tem público cativo.

Uma hora antes, o dono, Orlando Carlos da Silveira Mello, Neco, 58 anos, enxaguava o piso de azulejo branco — agora limpo — ao lado do ajudante. O faxineiro faltara. Arregaçou as mangas do suéter, tirou os sapatos e dobrou a barra da calça como pescador para varrer a água para fora. O ajudante resmungava: “Bom esse engenheiro, hein?”, pela inclinação da cerâmica que fazia o líquido recuar à porta de entrada. Na semana seguinte, trocaram o piso.

A tradição de dobrar a barra da calça relembra 1970, quando veio menino com a família de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, para morar na praia da Saudade, em Coqueiros. Próximo de sua casa morava uma família de pescadores. Com eles, adquiriu alguns costumes. “Aprendi a pescar e nadar. Nadava muito, mergulhava muito. Depois, conheci a Ilha inteira: dei a volta duas vezes, praticamente a pé onde era possível andar, acampando em todas as praias”.

Na temporada seguinte, aos 13 anos, viu pela primeira vez Luiz Henrique Rosa e Zininho no Praia Clube — atual Clube Doze de Agosto —, em Coqueiros. Pegava o violão e ficava imitando na mureta os acordes, enquanto os músicos ensaiavam na boate em frente à praia, onde haveria apresentação à noite. De longe, Rosa o chamou para entrar e ver o ensaio. Assistiu e achou que poderia fazer o mesmo. Anos depois, em encontros casuais na rua, a dupla manteve o apreço por aquele garoto que viria a compor *Lagoa da Conceição*, com 40 anos de criação completados em maio.

“ARTISTA É QUEM TOCA, COME O PÃO QUE O DIABO AMASSOU, DORME NA RUA E FICA SEM EMPREGO, COMO EU, POR 50 ANOS”

Mas é pela iniciativa de estabelecer o Rancho do Neco, um dos encontros mais valorizados de samba na cidade, que ganhou o apelido de Rei Midas pelo Reizinho do Violão — porque tudo em que toca vira ouro, segundo Osmar Cunha da Silva, 67 anos. A partir de 2003, aos domingos, para vender ostras de sua fazendinha, Neco fazia almoços no Rancho. Durante a tarde, acompanhava Reizinho no pandeiro. E nesse “boca a boca” atraiu os convidados ilustres, de músicos a poetas, boêmios a artistas.

Reizinho, que interpreta a vida como imitação da arte — e a carne

como sua tela de expressão —, menospreza artista de berço de ouro, que toca “violãozinho” uma vez por semana. “Artista é aquele que toca, come o pão que o diabo amassou, que dormiu debaixo de ponte, ficou sem emprego, como eu, durante cinquenta anos. Esse é o artista”. A manifestação artística, assim, teria fim em si mesma. “O artista tem que sentir na carne a arte. É a arte pela arte”.

Há cerca de um ano e meio, cansado do emprego público no Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (Ciasc), com escalas de trabalho aos domingos, feriados e da-

te Verde, para fazer o que mais gostavam: tocar samba. Um puxava uma música, outro puxava um instrumento e assim se formava a roda. Tudo improvisado. Neco, é claro, era frequentador assíduo.

Além de ser um espaço para reunir os amigos, o bar também era uma escola. Tião dava aula de cavaquinho e violão. “Meu avô era um formador de músico. De 100% dos músicos da Capital que realmente têm alguma influência, 80% vieram da história do bar”, conta a neta do Tião. Ana Cristina Furtado, 30, ou Mika, assumiu o bar quando o avô morreu e, atendendo aos pedidos dele, decidiu profissionalizar o encontro. Começou tirando alguns músicos que não contribuíam para o crescimento. “Esse negócio de tu beber uma caixa de gelada numa noite, enquanto tá trabalhando, pra mim não dá muito certo”. Indispôs-se com muita gente, mas o Bar do Tião passou a fazer o que não era muito comum: ensaiar. E assim, por duas vezes, foi reconhecido como a Melhor Música Ao Vivo de Santa Catarina, em 2008 e 2009, pela revista *Veja Comer & Beber*. Quando Camélia Martins cantava, reuniam cerca de 250 pessoas.

Quando Mika decidiu formalizar os documentos, descobriu a irregularidade do bar, pois estava localizado em área residencial no Plano Diretor do município, e as coisas não voltariam a ser como antes. Em 2010, o Ministério Público de Santa Catarina interditou o estabelecimento, até a regularização integral do sistema acústico e a renova-

ção do Alvará Anual perante a Gerência de Fiscalização de Jogos e Diversões da Polícia Civil. Mas quando tentaram reabrir após o embargo, o público havia encontrado novos lugares para ouvir samba. Um deles era o Rancho do Neco.

A saudade transparece na voz de Mika. Ela diz que está feliz com o que faz hoje, trabalha em uma empresa de tecnologia, mas para quem se criou em meio à música, certamente o fervo das noites no Bar do Tião faz falta. No entanto, ela não quer falar de saudade, e sim de legado. Orgulha-se do que o avô deixou para Florianópolis. “Ele foi muito importante para o chorinho na Ilha também. As músicas que ele ensinava para os alunos eram de choro. Eu comecei a cantar por causa dele”.

Aos poucos, a partir das 20h, a banda Choro Xadrez chega ao bar Qualé Mané. Primeiro o percussionista e cantor Álvaro Guimarães, com a companhia da família, depois o bandolinista Fernando Girardi. A arrumação é por conta de todos: mesa para cá, banqueta para lá, ajeita a caixa de som, o amplificador. “Traz mais cachaça, por favor”, pede Álvaro. E Fernando completa: “Uma água também”. Aqui não se bebe bourbon: toma-se cerveja. “Colocamos os instrumentos na parte de trás ou ao lado desta entrada?”, perguntam à garçonete. “Não sei, o Neco não falou nada”.

Montaram os instrumentos em outro canto do bar, que impossibilitava a vista do show de todas as partes do estabelecimento. À entrada, vendo o movimento dos companheiros, o vio-

lonista Álvaro Fausane estranhou: Não é perto da entrada, com uma pilha de caixas de cerveja, que nós ficamos?

Com 21 anos, Álvaro Fausane mudou-se de São José dos Campos, em São Paulo, para Florianópolis. Estudou Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina, mas sua história com a música pulsou mais forte. Passou a substituir os companheiros de casa, conforme se mudavam, por instrumentistas. E de repente as rodas de choro em sua residência, no bairro Rio Tavares, começaram a ganhar expressão, com mais de 20 pessoas improvisando semanalmente.

O líder do grupo tenta combater a ideia de que somente quem estudou a fundo partituras tem direito a participar da roda. Afinal, foi desse modo que tocava no encontro do Neco, há dez anos: brincando, sem compromisso com a virtuosidade. “Existe muito dentro do choro, da música em geral, aquela coisa: ‘Ah, não sabe tocar, não toca’. A gente lá é exatamente o contrário. Não sabe tocar, aprende. Então vai acabar virando uma escola de música”.

Enquanto tenta ensinar, Álvaro também busca aprender. E ao contrário do que dizem por aí, defende, existe a renovação da cultura do choro. Já morou em Roterdã, na Holanda, e agora quer pesquisar as rodas de chorinho em outros lugares do mundo: Nova York, Paris, Toulouse, Lisboa e Madri. “Para nós, brasileiros, seria um material muito legal. A gente filmar todas essas rodas e falar: ‘Ó, galera, olha o que o pessoal lá fora acha da música brasileira”.

A banda muda de lugar. Chegam dois rapazes, cumprimentam todos e começam a pegar caixas de cerveja, que estavam atrás do balcão. Empilham numa das portas de entrada, deixando metade da vista ao público fumante, que pode assistir à apresentação do lado de fora, na calçada. Frondosas árvores, na praça escura, embelezam a noite. Um mendigo pede dinheiro aos fregueses. E talvez contasse uma história, parecida com esta: *Seu garçom me empresta algum dinheiro / Que eu deixei o meu com o bicheiro / Vá dizer ao seu gerente / Que pendure esta despesa / No cabide ali em frente. ☺*

.....
Fernanda Mueller
 fernandajmueller@gmail.com
Gustavo Falluh
 gustavofalluh@gmail.com

Leia o QR Code para conferir o conteúdo online da reportagem nas redes sociais do Zero.



Rodrigo Rocha/Zero



Neco (de chapéu) cuida das noites de samba no bar Qualé Mané e ainda agita o fervo



As rodas de choro, todas as quartas, tornaram-se tradição na casa de Álvaro Fausane



MESA PARA CÁ, BANQUETA PARA LÁ. “TRAZ MAIS CACHAÇA, POR FAVOR”, PEDE ÁLVARO GUIMARÃES

MAPA DO SAMBA EM FLORIANÓPOLIS



Lugar de mulher também é no estúdio

Apesar dos preconceitos de natureza histórica, tatuadoras batalham por mais espaços

Angelica Spinardi é tatuadora há quatro anos. Ela caminha pelo estúdio Great Sailor Tattoo enquanto prepara os materiais para fazer mais uma arte e conta suas experiências. O lugar tem um clima intimista, com iluminação baixa e paredes negras decoradas com desenhos que foram para a pele de clientes. O estilo old school remete ao tatuador Sailor Jerry, que teve seu primeiro contato com a tatuagem quando ingressou na Marinha dos Estados Unidos.

Ela acredita que o sexismo na área funciona como um ciclo: para as mulheres, são reservados os trabalhos que os tatuadores não têm interesse em fazer – as tatuagens consideradas comerciais – e que são, em geral, mais baratos. Com menos dinheiro, surge a dificuldade de investir em cursos e elas continuam presas a um papel secundário.

Há certo receio, por parte das profissionais, em admitir que sofreram preconceito ou passaram por situações de machismo. Para Angelica, é importante que as mulheres entendam esse lugar de inferioridade no qual foram colocadas e lutem para conquistar seu espaço, mas compreende que esse é um posicionamento complicado de se adotar. As relações de trabalho reforçam o silenciamento, principalmente pelo fato de que muitos dos homens com quem elas tatuam são os próprios donos dos estúdios.

DOS 172 ESTÚDIOS QUE SE REUNIRAM NO CENTROSUL PARA A EXPO TATTOO FLORIPA, APENAS 16 ESTÃO NO NOME DE MULHERES

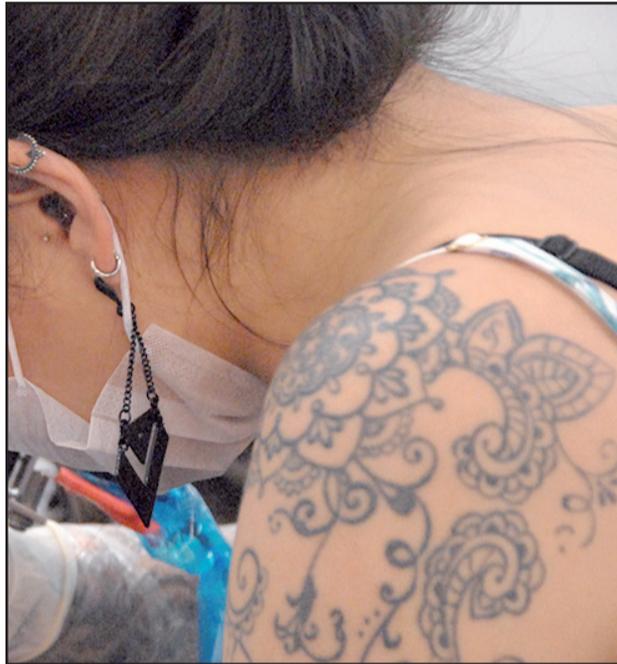
Angelica luta por visibilidade e para que os espaços sejam ocupados igualmente. Se há divulgação das artes das mulheres, isso significa que o público encontra mais opções na hora de fazer suas escolhas. Então, pessoas que antes acabavam com um trabalho que não as agradava, porque o tatuador queria fazer do jeito dele, podem ter acesso a outro nicho profissional.

Mesmo que os clientes tentem baratear, o trabalho das tatuadoras vem recebendo cada vez mais avaliações positivas. Quem elogia, ressalta que elas atendem com mais atenção e se conectam melhor com suas ideias. Além disso, têm mais cuidado, precisão e tato. “Em quatro anos de tattoo, eu nunca ouvi alguém dizer que foi mal atendimento por um mina ou

que ela tinha o ego maior que a ponte Hercílio Luz”, diz Angelica.

O que ela chama de “apagamento” ultrapassa os limites da tatuagem e está presente na maior parte do universo artístico. Apenas 19 dos 99 filmes brasileiros de 2015 foram feitos por mulheres; 5% das obras do Metropolitan Museum of Art de Nova York são assinadas por mulheres, mas 76% dos nus são femininos. Também foi só em 1986 que o nome de uma artista apareceu em um livro de história da arte pela primeira vez.

Fotos: Kamylla Silva/Zero



Jéssica usa como inspiração a botânica e a arquitetura

Tatue como uma garota

Em resposta a essa predominância masculina, Angelica organizou, em parceria com a jornalista Gabriela Titon, o Tattoo Like a Girl (TLG), movimento que promove a presença da mulher no mercado da tatuagem. “Como eu vou me sentir à vontade de fazer algo se não vejo ninguém igual a mim fazendo? Existem muitas mulheres tatuadoras e somos a maioria tatuada no país, então nada mais justo do que ter visibilidade em um espaço que já ocupamos há tempos”, diz a artista.

O objetivo é criar uma comunidade artística feminina e viabilizar ambientes em que haja uma troca de ideias entre tatuadoras. A participação no movimento também ajuda na consolidação das carreiras das mulheres, pois possibilita que elas possam divulgar seus trabalhos em diferentes lugares e públicos. Por isso, as tatuadoras do TLG se inspiram nas próprias

companheiras de caminhada. Elas favorecem o trabalho autoral e tentam dar destaque a todas as profissionais, não só as mais famosas.

O primeiro evento do Tattoo Like a Girl aconteceu em julho, na capital catarinense, e reuniu mulheres que faziam de tudo um pouco: tatuagens, pinturas ao vivo, culinária, músicas, ilustrações, chopes e uma série de outros trabalhos autorais que ofereceram às participantes a possibilidade de trocas pessoais e culturais. O sucesso rendeu vários convites para eventos externos e mais quatro atividades marcadas para os próximos meses. Além dos flashdays – encontros em que são disponibilizadas tatuagens menores e por um preço mais barato –, o TLG também oferece workshops e oficinas sociais.

Luta por espaço

A terceira edição da Expo Tattoo Floripa – realizada entre os dias 19 e 21 de agosto no Centrosul, em Florianópolis – contou com a participação de mais de 500 profissionais do ramo da tatuagem e do body piercing vindos de várias partes do Brasil. No entanto, a diversidade de sotaques e estilos dos artistas não escondia o fato de que o evento era predominantemente masculino.

Muitas das mulheres presentes nos estandes trabalhavam como secretárias, dando informações, agendando horários ou distribuindo cartões de visita. De acordo com a organização da Expo Tattoo Floripa, o encontro reuniu 172 estúdios; 16 eram comandados por mulheres e, dessas, pelo menos quatro não eram tatuadoras.

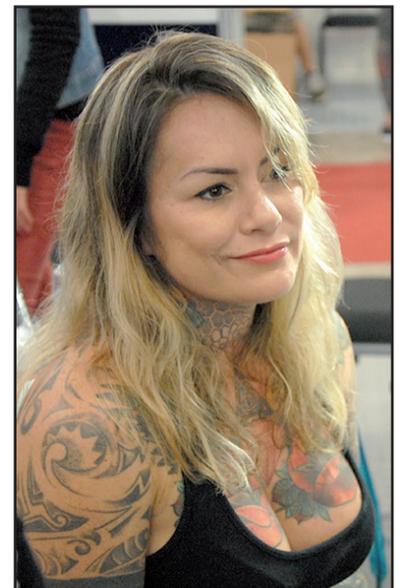
Com um público de quase 10,5 mil pessoas, convenções como a Expo Tattoo Floripa representam uma oportunidade para que as profissionais mostrem seus trabalhos. Mas, assim como em outros ramos das artes visuais, elas ainda encontram dificuldades para ocupar o mesmo espaço que os homens. “O pessoal não bota muita fé, então a gente tem que correr atrás”, explica Michele TroCourt, a única mulher entre 26 tatuadores patrocinados por uma empresa que traz produtos importados para o Brasil.

Para muitas das profissionais que apresentaram seus trabalhos no evento, o interesse por desenho nasceu ainda na infância. Depois de experiências em áreas como Design Gráfico, Moda e Ar-

Monique Souza/Zero



Angelica idealizou o evento Tattoo Like a Girl



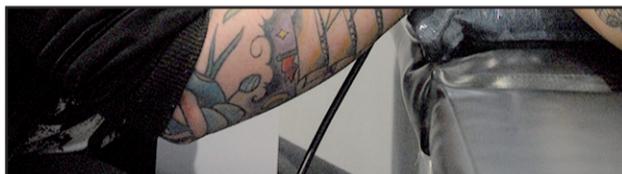
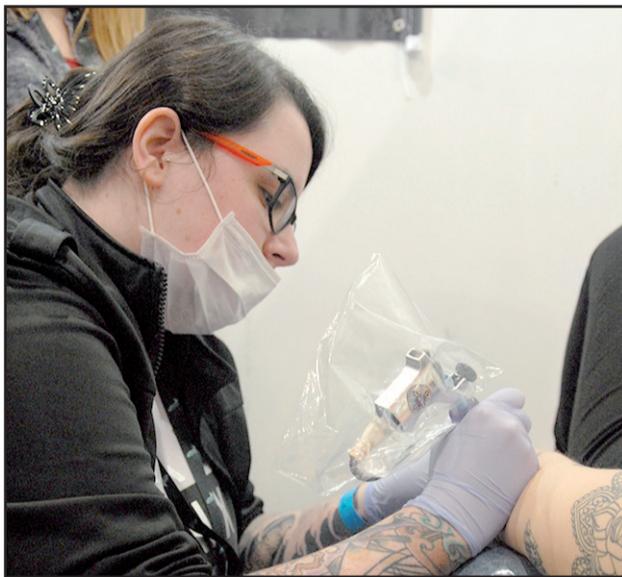
Magéli desenha desde criança

tes Plásticas, elas descobriram no ramo da tatuagem uma forma de conciliar realização profissional e estabilidade financeira. “Eu tive que abandonar o trabalho e focar só na tattoo. Hoje, isso é minha vida. Eu respiro isso aqui o dia inteiro”, conta Jéssica Paixão, tatuadora de São Paulo.

O primeiro contato com o universo da tatuagem costuma acontecer por influência de pessoas próximas, como namorados, maridos e amigos. Mas o caminho rumo à profissionalização é particular e tende

“ENTRAVAM LÁ DIRETO E PERGUNTAVAM SE TINHAM ME CONTRATADO COMO SECRETÁRIA. NINGUÉM ACHAVA QUE EU ERA TATUADORA”

a envolver várias formas de aprendizado, como cursos formais, workshops, tutoriais no YouTube, temporadas de observação em estúdios e até o uso da própria pele para testes.



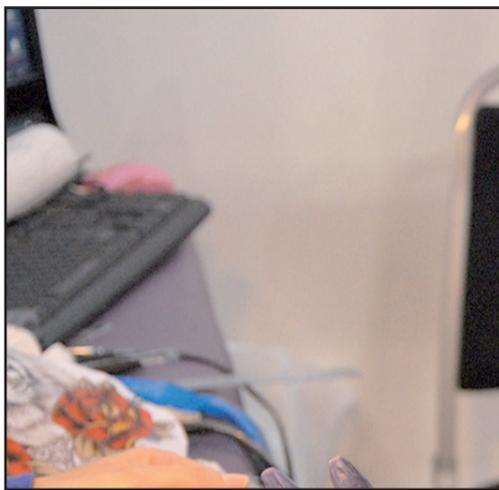
Nina usa técnicas como pontilhismo e aquarela

A maioria das profissionais descreve seus trabalhos como delicados, minimalistas e coloridos. No mundo da tatuagem, essas características são associadas às demandas comerciais de um estúdio e não costumam ter grande reconhecimento do ponto de vista artístico. Coincidentemente, também são os tipos de desenhos que as clientes mais costumam tatuar.

Por outro lado, um grande respeito é reservado aos adeptos das tatuagens do tipo realista – ricas em detalhes, grandes e pouco coloridas. Enquanto os tatuadores especializados nessa técnica são considerados verdadeiros artistas, as pessoas que cobrem suas peles com imagens nesse estilo são vistas como corajosas e cheias de personalidade.

As tatuadoras também precisam enfrentar a desconfiança dos clientes. “Quando comecei a tatuar, era a única guria em um estúdio com mais dois ou três guris. Entravam lá direto e perguntavam se tinham me contratado como secretária. Ninguém achava que eu era tatuadora e isso era bem chato. Aconteceu várias vezes, foi bem complicado no começo”, relembra Nina Bogó, que trabalha há quatro anos no ramo.

No entanto, as mulheres costumam procurar tatuadoras por conta da exposição de seus corpos – o que pode ser inevitável, dependendo do local escolhido para o desenho. Basicamente, isso acontece por dois motivos: elas se sentem mais à vontade ou



Michele é uma das poucas artistas mulheres adeptas do realismo, um estilo muito associado aos homens da área

tentam evitar conflitos com companheiros que não gostam da ideia de que tirem a roupa na frente de outro homem.

Com 14 anos de experiência profissional, Magéli Martinez acredita que o universo da tatuagem passa por transformações. “É uma profissão dominada por homens, mas você vê mais mulheres hoje em dia do que quando eu comecei. Tem muitas tatuadoras

trabalhando na convenção agora mesmo, mas a presença delas é recente”, conta enquanto apresentava seu trabalho no evento. ☺

.....
Monique Souza

moniquehsouza@outlook.com

Kamylla Silva

kamylla.freelancer@gmail.com

Maud Wagner entrou para a história

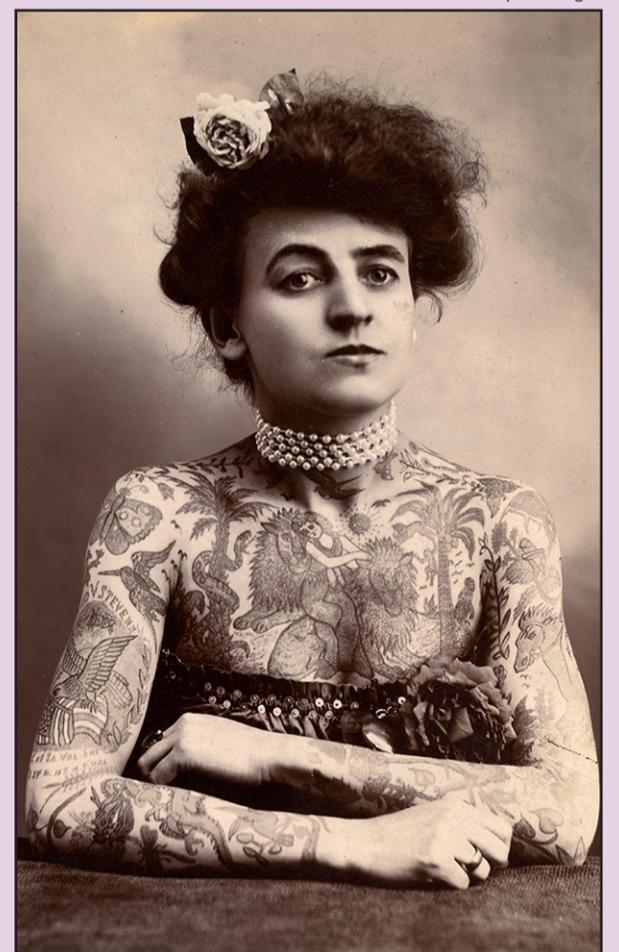
Arquivo/loc.gov

A história da tatuagem remonta ao Período Neolítico (10.200 a.C. – 2.000 a.C.), mas o registro mais antigo de uma mulher que aprendeu a tatuar é apenas do início do século 20. Maud Stevens nasceu no estado do Kansas e viajou pelos Estados Unidos como artista de circo. Foi por causa de seu trabalho que ela conheceu Gus Wagner, que se descrevia como “o homem mais artisticamente marcado da América”.

O primeiro encontro dos dois aconteceu em uma exposição na cidade de St. Louis, em 1904. Nessa época, Gus já tinha a pele coberta por 264 tatuagens, o que chamou a atenção de Maud. Então, ela decidiu trocar um encontro romântico por aulas de tatuagem. Anos mais tarde, eles se casaram e tiveram uma filha, Lotteva, que aprendeu a tatuar aos nove anos.

Alheio ao uso da máquina elétrica – que foi inventada no fim do século XIX –, Gus ensinou a Maud como tatuar ponto por ponto com uma agulha. Ela começou a testar a técnica na própria pele e não demorou a cobrir seu corpo com desenhos de mulheres, símbolos patrióticos e animais de todos os tipos.

O casal deixou o circo e passou a percorrer o país trabalhando com tatuagens. Quando não se ocupavam tatuando clientes, exibiam seus corpos em casas de espetáculos, feiras e exposições. Nessa época, era tão raro encontrar uma mulher com desenhos espalhados pelo corpo que as pessoas pagavam para vê-las.



Norte-americana é lembrada pelo pioneirismo

Projeto de lei limita a atuação docente

Escola sem Partido confunde educação escolar com ensino dos pais e restringe professor

Impulsionado pelos debates e disseminação de projetos de lei, o movimento Escola sem Partido vem se destacando desde o início deste ano. Atualmente, oito PL inspirados no movimento tramitam em âmbito federal, e as propostas mais conhecidas são de autoria do Senador Magno Malta (PR/ES) e do Deputado Izalci Lucas (PSDB/DF). O programa também já foi apresentado em mais de dez assembleias legislativas e 15 câmaras municipais. Até agora, Joinville foi a única cidade do estado a pautar uma lei semelhante, de autoria da vereadora Pastora Léia (PSD).

A maioria dos PL, que inclui entre as diretrizes e bases da educação nacional o Programa Escola sem Partido, segue os moldes do anteprojeto elaborado pelo próprio movimento. Fundado pelo desembargador paulista Miguel Nagib em 2004, o Escola sem Partido defende uma neutralidade do ensino, baseando-se no pressuposto de que a educação pública brasileira é usada como um espaço de “doutrinação política e ideológica”.

O plano também prevê os direitos dos pais sobre a educação moral dos filhos e a vigilância sobre a conduta dos professores dentro de sala de aula. Para a advogada Grazielly Baggenstoss, a aprovação da proposta de lei não se justifica: “O senso comum acredita que os pais têm direito a que seus filhos recebam educação moral e religiosa de acordo com suas próprias convicções. Esse direito não existe no nosso ordenamento jurídico, isso é um intervenção da esfera privada na esfera pública”.

Em nota, o Ministério Público Federal declarou o PL inconstitucional. Segundo o parecer técnico, a proposta está na contramão dos objetivos fundamentais do Estado, especialmente os de construir uma sociedade livre, justa e solidária. Apelidado pelos críticos de “lei da mordaza”, o projeto inviabiliza a discussão de determinados assuntos dentro das escolas — a participação política dos estudantes, assim como discussões sobre gênero e sexualidade, seriam eliminadas das salas de aula. Para o conselheiro executivo do Sindicato dos Trabalhadores de Educação de Santa Catarina (SINTE), Aldoir Kraemer, o projeto silenciaria não só os professores, mas também os estudantes, já que não permitiria a liberdade de debate, opinião e análise dos vários pontos de vista. “O que a proposta quer é privar o aluno do pensar, de pegar o conhecimento e relacionar com o seu cotidiano, sua condição

social ou aquilo que ele enxerga”, afirma o professor de pedagogia Adir Valdemar Garcia, do Departamento de Estudos Especializados em Educação da UFSC.

Na medida em que impede que as teorias de gênero sejam discutidas nas escolas, o projeto acaba reforçando e normatizando juridicamente a cisgeneridade, explica Grazielly. “Como a gente vai defender perante a população que entende que a transgeneridade é pecado, que é errado, se não for pela educação e pelo conhecimento?”. Para a diretora do Colégio de Aplicação da UFSC, Josalva Ramalho Vieira, a escola não pode deixar de falar de determinados assuntos, como a violência de gênero, por exemplo: “Em um país como o nosso, que tem um dos maiores índices de homicídios de mulheres, isso não pode ser um assunto que não se pautar na escola, é uma questão de vida ou morte”.

Outra questão abordada pela lei é o conceito de doutrinação ideológica e neutralidade política dos docentes em sala de aula. “O Escola Sem Partido entende que todos os professores que discordam da ordem social, política e do mundo doutrinam”, explica Adir. “O professor tem o direito de se posicionar, não tem o direito de fazer todos pensarem como ele, ou avaliar o aluno pelo que ele pensa.” O projeto trata os estudantes como “público cativo”, seguindo o pressuposto de que aceitam como verdade absoluta tudo o que os docentes dizem em sala de aula. Adir Garcia contraria essa proposição ao afirmar que, quando um aluno passa a pensar como o professor, não é simplesmente porque ele absorveu tudo que o docente disse, mas porque se con-

venceu dos argumentos que foram utilizados. “O aluno pensa, elabora os argumentos e concorda ou discorda.” Para Josalva Vieira, essa perspectiva de doutrinação tira a autonomia do jovem: “Acreditamos que os alunos são os protagonistas de suas histórias acadêmicas. O questionamento e a criticidade são fundamentais, o espírito investigativo precisa habitar em todos os níveis de ensino. Não é porque a criança é pequena que não tem condição de colocar em questão uma série de coisas”.

O professor de Geografia do Colégio de Aplicação, Tomas Fontan, defende que o docente se posicione: “Antiético é achar que a escola pode ensinar sem pensar o que e pra que vai ensinar”. O estudante Thor Lessa, 15 anos, do último ano do ensino fundamental, afirma que seus professores costumam assumir suas convicções políticas dentro de sala e, mesmo tendo posicionamentos bem marcados, estão muito longe de serem doutrinadores. “A aula de um professor não é diferente por ele ser de direita. Assim como se ele for de esquerda. Acho muito bom ter essa diversidade política dentro da escola porque senão acaba virando uma aula ‘chata’.”

O PL prevê que cartazes sejam colados nas salas de aula, advertindo os professores quanto aos seus deveres, e também a criação de um canal de denúncia anônimo entre secretarias de educação e alunos, para reportar reclamações relacionadas ao descumprimento da nova lei. Para a diretora do Colégio de Aplicação da UFSC, o PL pressupõe que o professor não está fazendo seu trabalho com respeito: “Vemos que é um projeto que desconfia

muito do docente. Os professores já são bastante fiscalizados, utilizam muitas horas atualizando registros. Desconhecer isso é até leviano, basta passar um dia numa escola que você vê quanto tempo o professor gasta com estes rituais de controle”.

A eficácia do projeto, caso seja implementado, é contestada por Grazielly: “Uma coisa é a lei, outra coisa é ela realmente ser aplicada. Dependendo da pessoa que chegasse a ser um sujeito desse inquérito administrativo, vai entrar no sistema, enquanto outras pessoas não. Há uma filtragem nesse ponto, é bem tendencioso”.

Questionado sobre as críticas apontadas pela reportagem, o senador Magno Malta, por meio de sua assessoria, defendeu que o objetivo da proposta não é censurar o professor e nem criar uma barreira entre família e escola, mas proteger a orientação familiar, que estaria ameaçada caso os filhos recebessem uma educação moral e religiosa diferente da dos pais. Sobre o parecer do MPF, a assessoria respondeu que o órgão público não é “dono da verdade” e que o grupo ouvirá todas as instâncias e segmentos da sociedade. O projeto aguarda o parecer na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado e está aberta para consulta pública (até o término da reportagem, a votação contava com 48,27% votos favoráveis e 51,72% contrários). A assessoria do Deputado Izalci Lucas não se pronunciou até o fechamento desta edição. ☺

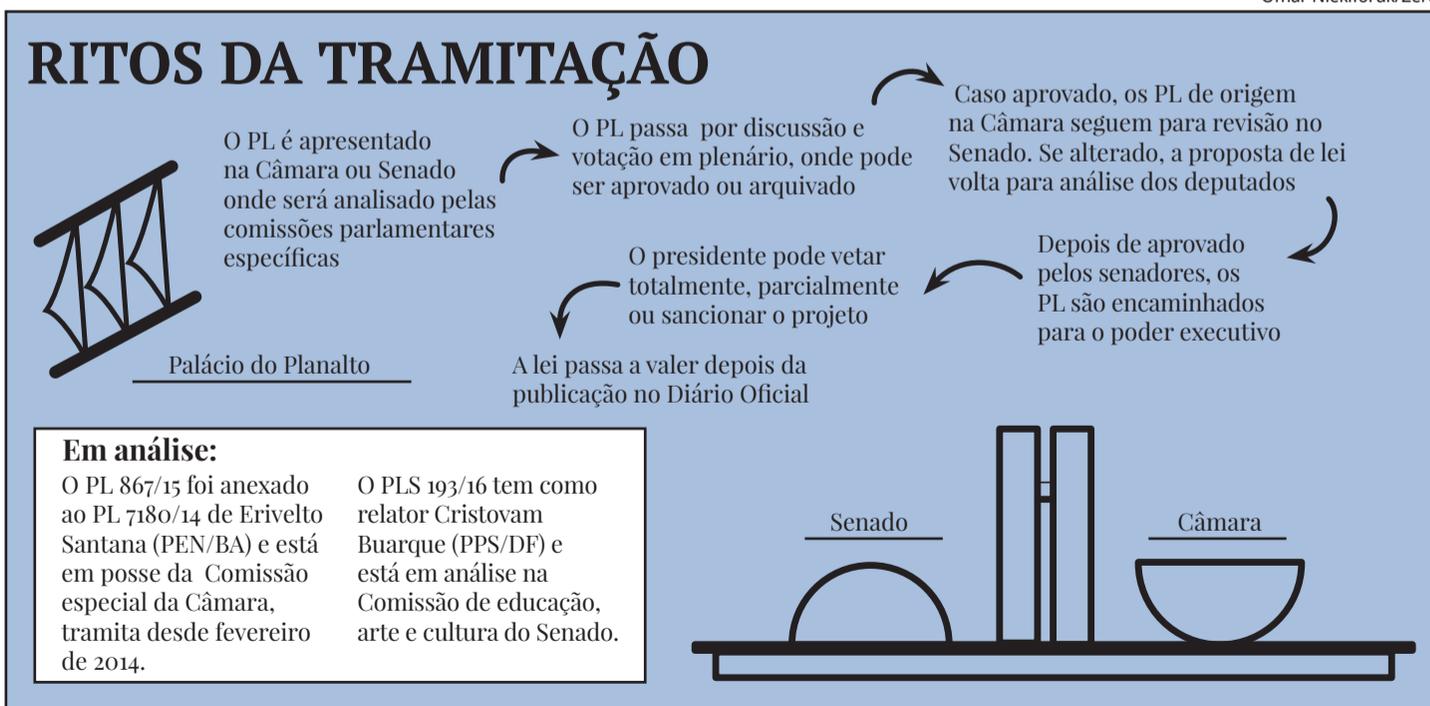
Giulia Gaia

giuliaogaia@gmail.com

Renato Botteon

renatogbotteon@gmail.com

Omar Niekiforuk/Zero





A história de *The Rotfather* gira em torno de Al-Kane, um rato traficante de açúcar dos esgotos de Nova Iorque na década de 40 que se relaciona com o clã das baratas, aranhas, sapos, entre outros animais.

Mercado da animação prospera no estado

Produções catarinenses ganham espaço através de incentivos e melhora na tecnologia

Nos últimos anos, o mercado de animação vem crescendo no país e se tornando destaque internacional. Um exemplo desse sucesso é o filme “O Menino e o Mundo”, indicado ao Oscar 2016 na categoria de melhor filme de animação. A obra, dirigida por Alê Abreu e produzida pela companhia Filme de Papel, conta a história de um menino que, sofrendo com a falta do pai, deixa a aldeia onde vive e descobre um mundo fantástico dominado por máquinas-bichos e seres estranhos, retratando as questões do mundo moderno através do olhar de uma criança. O filme foi vendido para mais de 80 países e levou mais de 100 mil espectadores aos cinemas franceses.

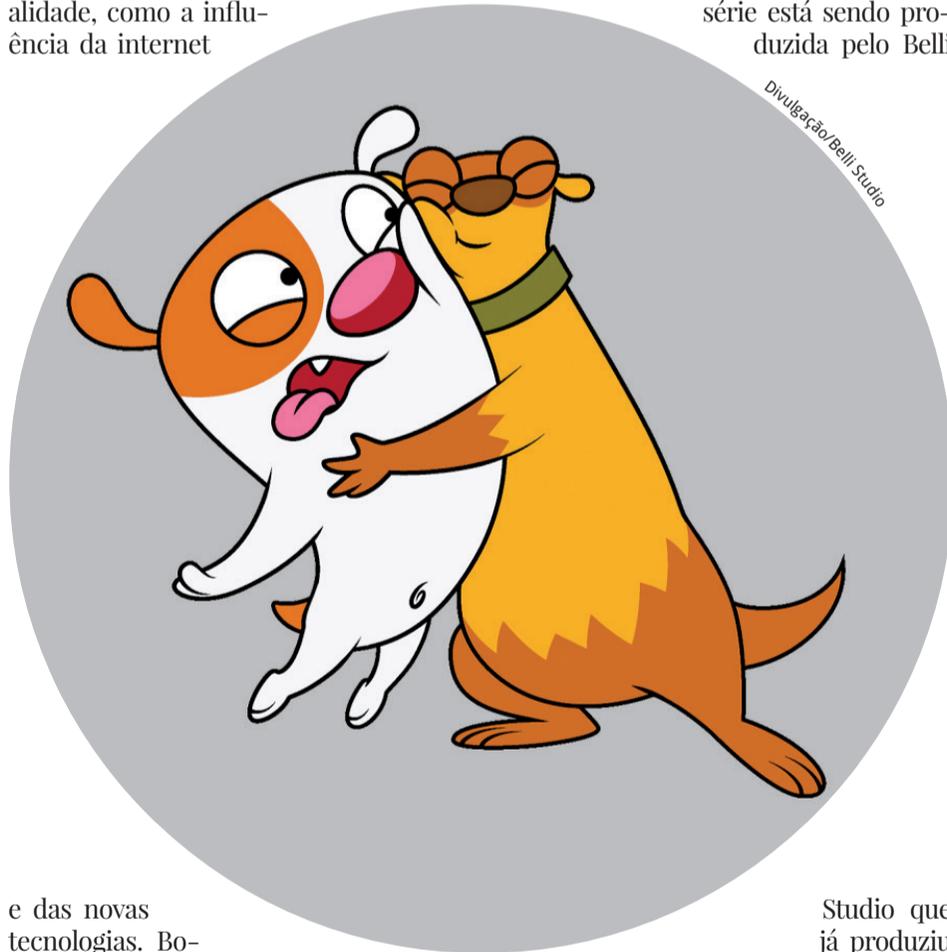
De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), grande parte do aumento se deve à facilidade de acesso a equipamentos e tecnologia, diminuindo os custos de produção. Outro fator que auxilia a expressividade do setor são programas de incentivo promovidos pelo Governo Federal. Com os estímulos gerados pela publicidade, o número de obras – que, nas décadas de 1960 e 1970, somavam cerca de 60 – passaram para centenas de filmes, curtas, longas e publicitários na década de 1990.

Em Santa Catarina não é diferente. Entre tantas produções, destaca-se o filme “Minhocas”, de Paolo Conti e Arthur Medeiros, produzido pelo estúdio Animaking, de Florianópolis. O longa é o primeiro brasileiro em *stop motion*, técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular seu movimento. O filme estreou em 2013 em 100 salas de cinema, e atraiu mais de 150 mil espectadores. A obra conta a história do Minhoca Júnior, de 11 anos de idade, que é acidentalmente levado para fora da terra, tendo que se

adaptar a um novo mundo completamente desconhecido.

Outro exemplo é a série “Boris e Rufus”, que será a primeira de animação catarinense. A produção de Filipe Carginin e Elisa Baasch fala sobre os desafios da amizade entre um cachorro e um furão diante dos dilemas da atualidade, como a influência da internet

ros e gatos são retratados na internet. “A ideia inicial contava as aventuras de Boris, um cachorro ranzinza, que competia com Leopoldo, seu vizinho gato, criando vídeos para a internet. Mas hoje a história é muito mais do que isso. E isso se deve principalmente pela chegada de Rufus, o fiel companheiro de Boris”. A série está sendo produzida pelo Belli



e das novas tecnologias. Boris é um cachorro que preza, acima de qualquer coisa, pelo seu sossego. Orgulhoso, ele afasta os outros, tentando fazer tudo sozinho. Rufus é um furão que pensa ser um cachorro, é bobalhão e desatento, o que acaba por colocar todo mundo em enrascadas.

Carginin conta que a série surgiu a partir da observação de como cachor-

Studio que já produziu “Meu Amigãozão” e “Carrapatos e Catapultas” e será exibida pelo canal Disney XD no Brasil e nos demais países da América Latina.

Mas as novidades não são apenas do mercado. Neste ano, a UFSC inaugurou o primeiro curso universitário de animação do país. O segmento, que antes fazia parte do Curso de Design, passou

a ter estrutura própria. O objetivo é preparar profissionais mais qualificados para essa área que ganha força no país, por meio do Grupo Educação e Entretenimento (G2E). A equipe, coordenada pela Professora Mônica Stein, tem como objetivo pesquisar, dentro da economia criativa, o universo do entretenimento. O grupo projeta jogos, animações e histórias em quadrinhos com foco educativo e comercial. É o mais atuante em animação 2D dentro da UFSC e surgiu em 2011. Hoje, conta com 54 integrantes entre graduandos e egressos de diversos cursos.

Entre os trabalhos produzidos pela equipe, destaca-se o *The Rotfather*, um projeto transmídia que, com base na mesma história, desenvolve produtos como jogos digitais, jogos de cartas, histórias em quadrinhos, webséries e até um jogo de realidade virtual. O trabalho é focado na qualidade estética, replicando características dos grandes estúdios de animação. *The Rotfather* conta a história de Al-Kane, um rato traficante de açúcar que vive nos esgotos de Nova York nos anos 40.

O trabalho é feito em conjunto, desde a criação da história, do roteiro e dos personagens até a divulgação e comercialização. O projeto tem como objetivo provar que a indústria do entretenimento deve ser pensada além de “indústria de joguinhos”, tornando-se a primeira criação na universidade a ser comercializada. Com esse exemplo de pioneirismo, a professora Stein aposta no potencial de concorrência da animação do país diante da indústria cultural estrangeira. “Há pessoas talentosíssimas no Brasil, que criam produtos capazes de competir com as grandes empresas internacionais atuantes no mercado”.

Anna Paula Silva

annaannap@gmail.com

Atletas paralímpicos inspiram o Brasil

Não existem dificuldades para os paratletas quando o assunto é vencer e se superar

A parolimpíada do Rio de Janeiro aconteceu de 7 a 18 de setembro, e atletas de 162 países tiveram a oportunidade de contribuir para a reflexão sobre o termo “limite”. No Brasil, o apoio aos paratletas vem de projetos sociais desenvolvidos em associações de deficientes físicos, que utilizam o esporte como instrumento de inclusão. De acordo com o censo do IBGE de 2010, 45,6 milhões de brasileiros se declararam com algum tipo de deficiência física ou mental, correspondente a 23,9% da população daquele ano, e segundo a Associação Desportiva para Deficientes (ADD) apenas 10% dos portadores praticam um esporte adaptado. Esses dados revelam que as limitações não estão somente na condição física dos atletas, estão presentes também na falta de investimentos na área.

“NÃO FOI NADA SIMPLES, TIVE QUE ENFRENTAR MUITOS DESAFIOS. TREINEI BASTANTE”

A história de cada paratleta revela diversos obstáculos pelos quais tiveram que passar e que deixaram para trás a fim de atingir seus objetivos. Jady Martins Malavazzi, Fernando Aranha Rocha e Anderson Lopes são exemplos desta superação no meio esportivo, tendo todos iniciado suas carreiras com poucos recursos em projetos sociais.

Após um acidente automobilístico em 2007, Jady perdeu o movimento das pernas e teve sua reabilitação fundamentada em esportes como basquete e natação. Mas foi com o ciclismo que conquistou campeonatos de nível nacional e internacional e transformou o que antes era para sua recuperação e melhora da sua mobilidade em vontade de competir e construir uma carreira. O principal motivo por ter optado pela modalidade é a individualidade, dependendo apenas do seu próprio esforço nos treinos e nas competições.

Visando a melhoria dos seus treinos, que acontecem seis vezes por semana na handbike, além de uma série de exercícios de força, Jady se mudou para Brasília, local ideal para a prática de ciclismo. A atleta é pentacampeã brasileira da prova de estrada do paraciclismo, sendo a única mulher representante do Brasil na modalidade.

Jady Malavazzi disputou em duas provas, finalizando a prova contra relógio em 6º lugar e na prova de estrada

Jady teve um acidente no início da disputa, terminando em 10º lugar.

A história de Fernando Aranha é um pouco diferente. Aos três anos, ele desencadeou uma deficiência física nos membros inferiores, quando foi acometido pela poliomielite – doenças que deixaram sequelas são a segunda maior causa de deficiência entre os atletas paralímpicos da delegação brasileira (vide infográfico). Formado em Rádio e TV, na época de faculdade não conseguiu acompanhar os treinos de basquete sobre rodas e trocou a modalidade pelo atletismo. Comprou uma bicicleta que inicialmente seria apenas para auxiliá-lo nos treinos, mas se apaixonou tanto que se tornou um dos primeiros competidores de paraciclismo do Brasil e o atletismo passou a ser secundário. Em 2012 foi convocado para três seleções brasileiras: ciclismo, triatlo e esqui cross country, se tornando um multiatleta. Aranha também representou o país nas Paralimpíadas do Rio, dessa vez na modalidade de paratriathlon, um percurso de 750m de natação, 20km de ciclismo e 5km de corrida.

Ele se tornou o primeiro atleta do Brasil a competir nas Paralimpíadas de Verão e de Inverno e também o primeiro a disputar o triathlon, que estreou como modalidade esse ano na Rio 2016. “Não foi nada simples, tive que enfrentar muitos desafios. Treinei bastante, e através dos meus resultados nas competições consegui a classificação no ranking mundial, ficando entre os oito melhores atletas do mundo”, disse Aranha.

Para que o esporte paralímpico tenha mais visibilidade, ele acredita que a mídia precisa ter a mesma dedicação que todo atleta possui para ter excelência nos resultados para promover a inclusão do tema esporte adaptado e atletas paralímpicos em suas pautas. Aranha recebe uma bolsa atleta que o auxilia em coisas básicas e acaba precisando de patrocínio para comprar equipamentos, uniformes e manter recursos necessários para todo atleta que se compromete com o esporte de alto rendimento. O esporte adaptado ainda é visto como uma ferramenta de reabilitação por muitas empresas, e por isso eles não pensam em investir na pessoa com deficiência. “Talvez quando eles começarem a nos ver como atletas que trazem resultados porque treinaram muito para isso, provavelmente o quadro se reverta. Até o momento está bem difícil conseguir patrocínio. Os que possuem representam a minoria em todo o Brasil”, afirmou Aranha.

Por acreditar que pode colaborar com a construção de um legado para as crianças com deficiência, Aranha iniciou um projeto chamado “Inclusive Você: Construindo um legado na educação” no Instituto Entre Rodas e Batom. “Vencer é o desejo de todo atleta, o meu desejo se amplia ao querer construir onde mais crianças possam desejar vencer também”, falou Aranha sobre o projeto. Para ele, estar nos Jogos Paralímpicos só reforça ainda mais a certeza de que é preciso investir nas crianças com deficiência para que elas cresçam sabendo que há infinitas possibilidades de se tornarem atletas: “Se eu tivesse tido recursos para descobrir sobre o esporte quando ainda era criança, provavelmente hoje veria



Aranha, primeiro paratriatleta do país



Handbike é uma bicicleta adaptada a pessoas com deficiência, pedalada com as mãos

mais atletas jovens competindo”, completa. Fernando Aranha ficou na sétima posição da prova de Triatlo PT1 nesta paralimpíada.

O paratleta precisa mais que autoconfiança e apoio financeiro para ser competitivo no esporte de alto rendimento. Segundo Anderson Lopes, medalhista paralímpico em Atlanta e Sidney no arremesso de disco classe F36/37, é necessário começar cedo e ter predisposição para renúncias, tanto na iniciação quanto na continuidade nos treinamentos para alcançar o pódio nas competições, “Para conseguir bons resultados é necessário ter uma alimentação muito controlada, dormir cedo e bem, ter disciplina e foco nos treinamentos, e este rigor nem sempre pode ser saudável, ou adequado à personalidade de certos indivíduos”.

Lopes começou no esporte com 16 anos, mas já praticava natação como reabilitação à paralisia cerebral, que limitou os movimentos da perna e do braço direito: “A pessoa não nasce atleta, mas quando se torna deficiente e inicia no esporte que ela pode

ser considerada uma atleta, é preciso cumprir alguns pré-requisitos para chegar no alto rendimento”.

A contribuição dos projetos sociais não se limitam à recuperação física e psicológica pelo esporte. Pelo próprio caráter ideológico dos programas, as discussões políticas estão presentes no cotidiano das pessoas envolvidas. No caso de Lopes, o projeto desenvolvido na Andef trouxe outras expectativas para o futuro. “Na verdade, eu usei muito a minha medalha paraolímpica como instrumento de cidadania, participando dos conselhos de luta para defesa dos direitos da pessoa com deficiência, em uma dessas lutas conseguimos a regulamentação da lei de acessibilidade no país, as leis 10.048 e 10.098”. Hoje Anderson Lopes é Secretário de Esportes e candidato a vereador na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro. @

Francielle Cecília

franciellehanck@gmail.com

Fernando Lisboa

fernandolisboaes@gmail.com

Aflodef luta por inclusão pelo esporte

Em Santa Catarina, a Associação de Deficientes Físicos de Florianópolis (Aflodef) é a referência estadual no paradesporto, atuando há 31 anos e oferecendo atividades em cinco modalidades: atletismo, basquete sobre rodas, bocha, natação e tiro esportivo. Na Aflodef o foco dos programas não é necessariamente o esporte de alto rendimento, segundo Karla Costa de Liz, diretora de esportes: “O objetivo das atividades é dar uma nova opção para pessoas com deficiência física, e o esporte pode trazer resultados positivos na vida destas pessoas, não somente no desenvolvimento físico, como também psicológico e social. É uma questão de identidade, eles se vêem pertencentes a um grupo social”.

A associação de Florianópolis não conta com a infraestrutura ideal para amparar seus paratletas, mas possui parcerias com centros esportivos em universidades como a UFSC. “Conseguimos atingir nesta parceria nossa meta principal, que é fornecer opções de práticas esportivas a essas pessoas, o resultado a nível de alto rendimento é uma consequência do trabalho desenvolvido”, disse Karla.

No Parajasc realizados em São Miguel do Oeste neste ano, a entidade enviou atletas nas cinco modalidades esportivas em que atua para representar Florianópolis nos jogos, e os esportistas conseguiram 18 medalhas em atletismo e 12 na natação.

No Brasil a referência em apoio aos paratletas é a Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Andef), que enviou cinco atletas para os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro. O pioneirismo no paradesporto, a excelência da infraestrutura, e a equipe técnica composta por profissionais fisioterapeutas, preparadores físicos, psicólogos e nutricionistas são fatores determinantes para o bom desempenho dos atletas da Andef, que foi a primeira sede do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), quando fundado em 1995. A Andef é uma das maiores instituições para as pessoas com deficiência física do mundo, com o maior Centro de Treinamento para paratletas da América Latina e é amparada por empresas e instituições como a Loteria do Estado do Rio de Janeiro, que repassou cerca de R\$ 399 mil à associação em 2016.

Foto: Arquivo/Andef



Andef criou futebol para amputados

Andef é referência mundial no apoio aos paratletas

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou 1981 como ano internacional da pessoa com deficiência física, mesmo ano de fundação da Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (Andef), que no dia 31 de agosto de 2016 completou 35 anos. A instituição foi criada para lutar pelos direitos trabalhistas dos deficientes, mas não havia uma cultura de representatividade nesta área, o que gerou dificuldades de compreensão das pessoas sobre a instituição. Segundo a fundadora da instituição, Tânia Rodrigues, “(Foi) Extremamente difícil pra gente conseguir que as pessoas entendessem o que era a Andef, porque eles estavam acostumados com instituições que prestavam serviço a pessoas com deficiência, e não com uma instituição que lutasse pelos direitos da pessoa deficiente”.

A prática esportiva serviu como estratégia da entidade para conscientizar as pessoas deficientes dos seus direitos. “Através do esporte nós começamos a juntar vários portadores de deficiência, e partimos para parte política e reivindicatória dos nossos direitos.” O esporte deu um sentido maior à instituição, que hoje é considerada por outras entidades e atletas uma referência no paradesporto nacional.

Foto: Arquivo/Andef



Sede é maior da América latina

31,2%
PROBLEMAS
AO NASCER

23,5%
DOENÇAS

17,19%
ACIDENTE
COM CARROS

9,82%
PARTO
PARALISIA CEREBRAL

8,77%
OUTROS
ACIDENTES

4,2%
ARMA
DE FOGO

3,15%
ACIDENTE
MAR OU PISCINA

2,1%
ACIDENTE
NO TRABALHO

**A MAIORIA DOS
ATLETAS DA
DELEGAÇÃO
BRASILEIRA JÁ
NASCEU COM A
DEFICIÊNCIA**

Fonte: EBC/agosto 2016



ZERO

Atletas encaram a falta de apoio no MMA

Preconceitos de gênero e pressão para tomar escolhas de trabalho também são obstáculos

“**T**em mais gente que desiste do que fica”; “A cabeça tem que ser tão forte quanto o seu corpo”; “Eu não tinha muito apoio financeiro”. Essa é a realidade de lutadores e lutadoras aspirantes a profissionais das Mixed Martial Arts, o MMA, um dos esportes mais populares do Brasil. Atletas que, longe dos holofotes de grandes organizações do ramo, como o Ultimate Fighting Championship, Bellator e o World Series of Fighting, têm rotinas pesadas que envolvem dedicação e investimento financeiro feito na própria carreira.

O sonho de lutar por cinturões nos maiores eventos do mundo e viver como profissional do esporte conta com diferentes histórias de vida, mas com um fator em comum: a dificuldade de se manter treinando em alto nível. São diversos os problemas: conciliar o trabalho com o treino diário, quebrar preconceitos de gênero, manter uma dieta balanceada ou até não achar colegas de seu peso. Essas questões influenciam o desempenho e mexem principalmente com o psicológico de atletas.

Quem foca em dar aulas e treinar seus atletas também presencia todas as dificuldades que passam os aspirantes a lutadores. Rangel Farias, treinador de MMA e de Muay Thai, é dono do centro de treinamento com o seu nome que fica no bairro do Campeche, em Florianópolis. Ele é campeão pan-americano e brasileiro de Taekwondo ITF, modalidade diferente da disputada nos jogos olímpicos, e terceiro colocado mundial por equipes da mesma categoria, além de títulos brasileiros e sul-americano no Muay Thai. Pelo tempo de dedicação ao esporte, Rangel treinou muitos lutadores e lutadoras e conhece casos de atletas que desistiram ou que passaram por muitos obstáculos para seguir em frente. Segundo o professor, o primeiro fator de desistência é o tempo: “Aqueles que querem seguir profissionalmente devem ter disponibilidade de treinar pelo menos quatro horas por dia. Tem mais gente que desiste do que fica, o caminho de formação de um atleta é longo, já vi muita gente talentosa desistir porque é muita pressão”.

Sua esposa, Ashanti Bela, é atleta e enfrentou não só as barreiras financeiras, como também os preconceitos de gênero. O MMA feminino se popularizou no mundo quando Ronda Rousey e Liz Carmouche fizeram a primeira luta feminina da história do UFC na edição de número 157, no final de 2011. Antes, a modalidade era vista com preconceito, parte do público desmerecia a técnica das lutadoras mulheres e o poder de venda dos eventos, hoje em dia isso ainda acontece, mas em menor escala.

Ashanti começou a lutar depois de conhecer o marido e se graduou como faixa preta de Taekwondo, teve sucesso na modalidade. Pela experiência com a arte coreana, Ashanti teve facilidade para treinar Muay Thai e migrar para o MMA. Pouco a pouco, a atleta não teve mais adversárias no Taekwondo, porque elas se recusavam a enfrentar uma lutadora que era especialista também em outras artes. Apesar do sucesso, ela passou por uma série de lesões que a desestimularam a seguir na área das artes marciais mistas. Hoje, ela ainda sofre com pequenos problemas físicos.

As barreiras de gênero atrapalharam o crescimento do MMA feminino em muitos aspectos. Ashanti diz que o preconceito contra as mulheres na categoria muitas vezes parte das próprias mulheres, pela construção social cujo esporte foi submetido. “Eu vejo pelas meninas: a gente tinha uma divisão na academia onde muitas mulheres queriam praticar as lutas, mas tinham vergonha e se bloqueavam porque achavam que

Fotos: Ronaldo Fontana/Zero



Rangel Farias dá aula no próprio centro de treinamento

era coisa de homem”. A atleta, que neste meio tempo também fazia trabalhos de modelo, chegou a escutar que deveria parar com as artes marciais porque ficaria muito masculina. “Claro que escolhi continuar lutando e larguei esses trabalhos”. Hoje, ela dá aula de Muay Thai e serve de inspiração para seus alunos e, principalmente, para as mulheres. Ashanti também acredita que o MMA precisa quebrar muitas barreiras de aceitação popular por ainda ser considerado violento para algumas pessoas.

“ALGO QUE EU FAZIA ANTES DE LUTAR ERA TIRAR UMA FOTO DA MINHA GELADEIRA VAZIA PRA ME MOTIVAR, PRECISAVA ME SUSTENTAR”

A maioria dos profissionais treina em academias que também recebem lutadores amadores, o que dificulta manter um padrão elevado de treino. Segundo o Mestre Rangel Farias, as academias de MMA profissionais são aquelas que focam no treinamento e reúnem seus atletas todos os dias. Hoje, em Florianópolis, são apenas duas. No Estreito, está localizada a Team Tavares Equipe, que revelou atletas famosos do UFC como Marcio Lyoto e Ivan Batman; e no Campeche, está a Rangel Farias Team, que formou João Zeferino.

Entre as promessas do MMA nacional está Felipe Cruz, atleta de 24 anos nascido em Florianópolis e lutador da Team Tavares. Cruz é um dos aspirantes a entrar no UFC e já tem 17 vitórias, três derrotas e um empate no seu cartel, além de três cinturões nacionais, com chances de conquistar o quarto. Durante a trajetória como lutador, o atleta foi campeão catarinense, brasileiro e sul-americano na sua principal arte, o Jiu-jitsu. Aos 18 anos, ganhou sua luta de estreia nas artes marciais mistas por finalização. Apesar do bom currículo, o início da carreira foi tão difícil que o atleta teve a fome como motivação para ganhar suas lutas. “Algo que eu fazia antes de lutar era tirar uma foto da minha



Ashanti Bela enfrentou preconceitos por ser mulher

geladeira vazia pra me motivar e, vendo isso, eu pensava: ‘Olha o que eu passei, tenho que ganhar desse cara’, precisava me sustentar”.

O financiamento da maioria dos atletas é por meio de bolsas, cachês e patrocínios. Ganhar as lutas marcadas garante dinheiro para investir na carreira, mas isso não basta para se manter: quem compete tem que buscar autopromoção e, na maioria das vezes, ajudar a própria organização na qual lutará, pois eventos nacionais não têm a verba que os maiores do mundo possuem. O dinheiro da bolsa e do cachê de quem compete geralmente é determinado pelo número de ingressos vendidos. Tiago Moikano, atleta da equipe Nova União de Joinville e profissional desde 2014, é um dos muitos jovens que sonham em conseguir um lugar no UFC, ele teve que vender entradas para garantir sua renda em algumas lutas, essa já foi sua única forma de cachê, caso ele não consiga vender, recebe menos dinheiro. Por essa dificuldade, alguns profissionais decidem se tornar professores para conseguir um sustento melhor.

Algo que é comprometido nas competições nacionais é a falta segurança dos contratos, por não serem de exclusividade. Esse tipo de acordo se baseia no atleta ter uma garantia da quantidade de lutas que fará na organização, o resto depende do seu desempenho. Como não fica rentável para quem faz os eventos, os atletas dependem do cachê e da venda de seus ingressos como forma de receber o pagamento, isso tudo em uma luta só sem garantia de que participará outras vezes. Muitas vezes, essa renda não paga a dieta do atleta, o que faz com que muitos desistam.

Grandes eventos como o UFC e o Bellator tem contratos de exclusividade para um número de lutas, se o lutador ou a lutadora for bem nelas, renova, se não for, provavelmente estará fora da organização.

A dificuldade financeira influenciou na decisão de Jorge Silva, ex-atleta de MMA e ex-companheiro de treino de Felipe Cruz na Team Tavares, de desistir do mundo das lutas de forma profissional. O lutador veio do Judô, em que começou com um projeto social, nesse meio tempo, conheceu o Jiu-Jitsu e seu professor o treinou para o MMA. Ele se mantinha com patrocínios no calção, logomarcas e promoções. Ele é da opinião de que para se manter nas artes marciais mistas, sem depender de patrocínios, só com uma família de boa condição.

EVENTOS NACIONAIS NÃO TEM A VERBA DOS MAIORES DO MUNDO, O CACHÊ MUITAS VEZES DEPENDE DOS INGRESSOS VENDIDOS

Giacomo Lemos, que treina na academia do Mestre Rangel Farias, teve dificuldades em tomar decisões sobre o seu futuro profissional. Começou a estudar Sistemas de Informação na UFSC e teve que mudar para a faculdade Estácio por causa dos horários que coincidam com os treinos. Na sua estreia no MMA, o atleta se dedicava ao trabalho de conclusão do curso e, ainda assim, continuou frequentando os treinos. “Eu poderia trabalhar oito horas na minha área e ganhar bastante dinheiro, mas eu seria como os outros. Isso é o que vale mais pra mim: ser reconhecido como atleta, ter integridade e fazendo uma coisa diferente, que saia da rotina, mesmo sem ganhar muito dinheiro. Agora, eu me considero um atleta profissional,

mesmo não vivendo disso”. Lemos atua na categoria dos pesados, que não tem muitos atletas para competir e exige mais gastos para manter a dieta.

Dos atletas entrevistados que seguem no ramo profissional, Lemos sonha em ser campeão dos pesados no UFC, mas ainda não sabe quanto tempo vai demorar para alcançar esse objetivo. Felipe Cruz tem um caminho trilhado: quer chegar com 25 anos no evento e ser o primeiro manezinho com um cinturão da organização. Tiago Moikano adota um discurso paciente pelo pouco tempo de estrada: o atleta tem 19 anos e se vê no UFC com apenas 23, por enquanto ele prefere focar no presente e nas suas próximas lutas marcadas.

Mais dolorido do que qualquer golpe sofrido em uma luta, o caminho para se tornar profissional de um esporte tão forte e concorrido no Brasil é difícil para todo mundo que tem o sonho de conquistar um título mundial. Lutadoras e lutadores passam por dificuldades diferentes, situações variadas, mas a ambição é a mesma: fazer tudo isso valer a pena no final. 📧

Fabio Tarnapolsky

ftarna@gmail.com

Ronaldo Fontana

ronaldofontanaf@gmail.com



Lutadores da Team Tavares realizam treino de jiu-jitsu de chão, uma das técnicas mais utilizadas durante o MMA



A academia Rangel Farias, no bairro Campeche em Florianópolis, é uma das principais reveladoras de atletas profissionais tanto nas artes marciais mistas como no Muay Thai

Obras de Gaudí em exposição na capital

Ana Inácio/Zero

A capital catarinense é a primeira cidade do Brasil a receber a exposição “Gaudí, Barcelona 1900”, que teve início no dia 27 de agosto e ficará aberta para visitas até 30 de outubro, no Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), localizado no Centro Integrado de Cultura (CIC).

Antoni Gaudí nasceu em 25 de julho de 1852 e foi um famoso arquiteto catalão. Suas obras revelam um estilo único e são inspiradas por arquitetura, natureza e religião. Era detalhista em seus trabalhos, agregando os vários ofícios que dominava: cerâmica, vitral, ferro forjado e marcenaria.

Sete construções de Gaudí estão localizadas em Barcelona e foram feitas entre o final do século XIX e início do século XX. De 1984 a 2005, sete dos seus trabalhos foram declarados como Patrimônio Mundial pela UNESCO. Sua obra inacabada, Sagrada Família, é um dos monumentos mais visitados da Espanha. ☺



.....
Camila Valgas

camilamelicia@gmail.com

Ana Inácio

anacinaciadospassos@gmail.com

Camila Valgas/Zero



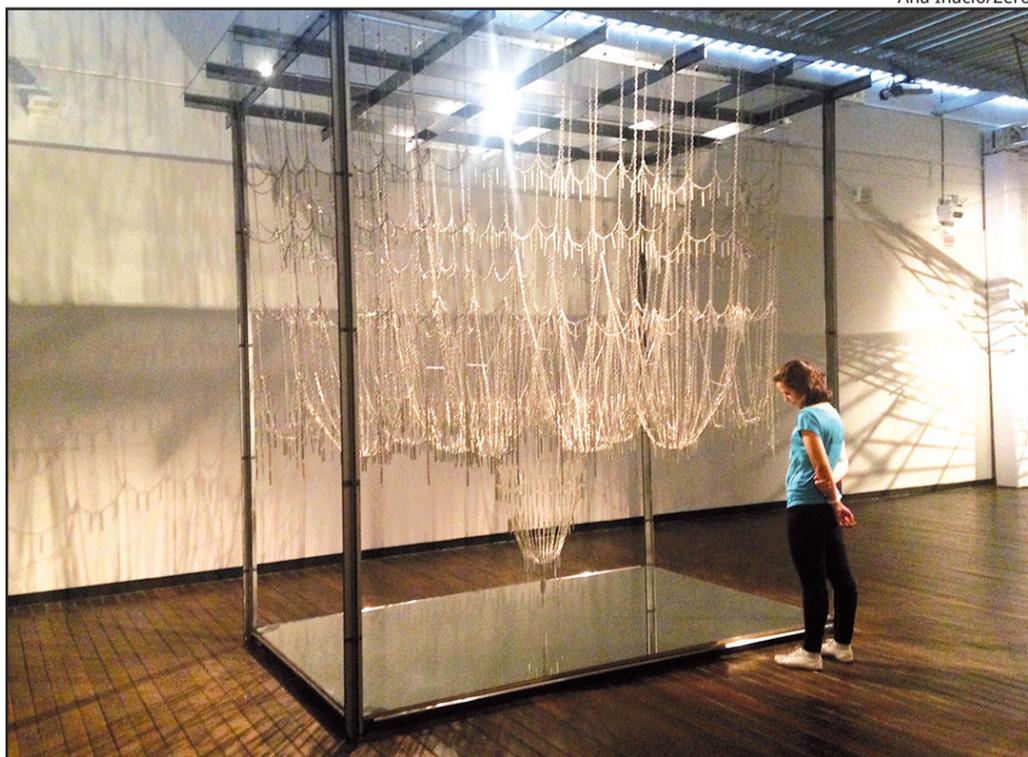
Camila Valgas/Zero



Ana Inácio/Zero



Camila Valgas/Zero



Ana Inácio/Zero

